

CILDO MEIRELES

Pensar a arte contemporânea envolve, em certa medida, refletir sobre a questão do espaço. Isso porque parece existir atualmente, mais do que nunca, uma relação significativa entre obra e ambiente, que pode se configurar como uma chave de leitura importante para a produção artística praticada em nossos dias. Esse assunto foi desenvolvido por Lorenzo Mammì em seu último livro *O que resta: arte e crítica de arte*, no qual o autor propõe que o lugar ocupado pelos trabalhos de arte na atualidade é uma questão tão relevante que se impõe não apenas após sua realização, mas já no momento de sua concepção. Desse modo, o espaço parece estabelecer com a obra de arte menos uma relação de mera contingência e mais uma dinâmica de interferência mútua: ao mesmo tempo em que um trabalho ativa o recinto em que está inserido e seus potenciais significados, o ambiente também pode interferir nos sentidos da própria obra. Essas reflexões a respeito das imbricações entre espacialidade e a produção artística contemporânea encontram-se presentes em *4/4*, instalação que Cildo Meireles apresenta no Centro Universitário Maria Antonia, com curadoria de João Bandeira. Nela, a sala do edifício Joaquim Nabuco, que já abrigou pinturas, instalações e gravuras, encontra-se agora aparentemente vazia.

Em *4/4*, o artista manipula as características da estrutura da sala de exposições do Maria Antonia, realizando uma série de alterações no espaço que, mais do que abrigar um trabalho artístico, torna-se, desta vez, a própria obra. Esse trabalho nunca antes realizado relaciona-se com uma série de projetos concebidos na década de 1960, período em que o artista deixa de realizar os desenhos do início da sua carreira, alterando o direcionamento da sua produção.



Como afirma Cildo Meireles, as criações desse período apresentavam preocupações sobretudo formais. Seu trabalho só assume um caráter declaradamente político em 1969, quando foi realizada, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a Pré-Bienal de Paris. A exposição, que contou com a participação do artista, foi fechada pelo Departamento de Ordem Política e Social - DOPS, três horas antes de sua abertura. Esse episódio, no momento conturbado que vivia o Brasil, impeliu Cildo a tratar de questões de ordem política em alguns de seus trabalhos, mas, como ele ressalta, conciliando “uma possível leitura política com preocupações de ordem de linguagem, estruturais, formais”.

Ainda na década de 1960, Cildo começou a idealizar uma de suas obras mais conhecidas: *Desvio para o vermelho*. Composta por três salas contíguas (*Impregnação, Desvio para o vermelho: Entorno, e Desvio*), essa instalação cria uma espécie de cenário inusitado por onde o espectador pode transitar e que conduz a um beco sem saída. À primeira sala, composta por uma profusão de objetos e peças de mobiliário vermelhos, seguem-se mais dois ambientes menores, que trabalham de maneira mais condensada as questões propostas no primeiro espaço.

Mas, se *Desvio para o vermelho* caracteriza-se como uma composição ostensiva, que salta aos olhos do espectador, *4/4* é construída a partir de alterações muito tênues no espaço expositivo, que quase não são percebidas visualmente: trata-se de um ambiente modificado que aparenta estar *desocupado*. Por meio da criação

de pequenos desníveis, a instalação tensiona a rigidez das arestas do cubo branco, conformando, assim, um ambiente oblíquo que desestabiliza o espectador que por ele caminha. Mesmo parecendo existir uma economia de recursos expressivos na obra, ela é capaz de gerar um discurso prolífico, definida por Cildo Meireles como “eloquência da discrição”.

Contudo, a sutileza e simplicidade que o trabalho final aparenta se opõem, curiosamente, à complexidade do seu processo de construção que, desde a concepção do projeto até sua finalização, envolveu uma equipe de produção composta por profissionais de diversas áreas, como marcenaria, arquitetura e design. Cada um deles desempenhou uma tarefa específica durante a montagem, todas orientadas e coordenadas por Cildo. O artista, aliás, conta ainda com a ajuda de um assistente formado na área de construção civil que acompanha e executa todos os seus minuciosos projetos, no Brasil e no exterior.

A capacidade de compreender, ao mesmo tempo, o complexo e o prosaico parece ser uma característica não só da obra *4/4*, a instalação apresentada no Maria Antonia, como também de toda produção de Cildo Meireles que, ao conjugar essas duas qualidades em seus trabalhos, acaba por diluir o caráter dicotômico comumente a elas atribuído. Outra característica de sua obra é o compromisso que o artista tem de desenvolver suas ideias a partir do zero, o que gera uma variedade de trabalhos e possibilita que Cildo não se reduza a um único estilo.



por Lara Rivetti.